

— Vamos pela alameda?  
— Não. Não posso porque tenho de ir buscar um saco a casa de uma freguesa.

Ele não protestou e caminhou ao lado dela com aquele ar entre confundido e amuado. Começara a criar-se um silêncio que ambos queriam evitar a todo o custo, atacando as reminiscências de qualquer acontecimento para o quebrar, pois era-lhes muito penoso seguirem assim, lado a lado, sem nada dizerem.

— Se calhar, não posso passear consigo no domingo. Tenho um trabalho lá na oficina... O Gustavo não se zanga, pois não?...

Dissera «pois não» com aquela toada de carícia com que se mimoseiam as crianças amuadas.

Outro que não fôsse ele, o Artur, por exemplo, teria aproveitado a ocasião para lhe dizer umas frases bonitas (como se costuma fazer) assim no género da que o «rapaz» da fita de domingo disse: «Pode alguém querer mal às estrêlas?»

Mas Gustavo achava um sabor pretencioso nestas palavras banais e apenas conseguiu resmungar, quasi que por entre dentes:

— Claro que não.

Era a resposta que ela esperava: um consentimento por tudo, que a enfastiava. De resto, notara isso logo no primeiro dia de namorados e, sem saber porquê, chegara a perguntar-lhe se era a primeira vez que namorava. As faces dêle tingiram-se um pouco (até quando falava ela tinha a impressão de que êle corava), soltou a primeira mentira que lhe ocorreu ela (tinha a certeza de que era mentira) e negou. E para disfarçar acrescentara:

— E você?

Ela que tinha sempre resposta pronta, declara-lhe que já tinha namorado por três vezes. Mentira também. Talvez que ela nunca tivesse namorado a sério, mas sentia que se lhe afiguraria mais mulherzinha tendo namorado três vezes.

O Gustavo caminhou ao lado dela, despeitado, esforçando-se por rasgar o silêncio daquele passeio nocturno.

— A que horas sai amanhã, Luiza?

Nem sequer «Luizinha», como o Artur. «Luiza» era o mais íntimo tratamento e o mais ousado galanteio que o namorado lhe dirigia!

— Saio à hora do costume, talvez mais tarde...

— Bom. Eu espero-a em frente da tabacaria. Como tenho um ponto escrito amanhã saio mais tarde do liceu e vou directamente esperá-la.

E o Gustavo sentiu-se mais à-vontade logo assim que falou «em liceu». Parecia-lhe que quando falava em estudos, no consultório do pai e nas visitas da mãe, ela o admirava mais.

Por seu lado eia detestava o tom de intimidade com que êle revestia êste género de conversas.

Por tão repetidas vezes ter tocado nelas, achava-as insuportáveis e começara a criar a impressão de que tal assunto era uma humilhação à sua condição social de inferior.

Luiza amava-o (acaso sabiam êles o que seria amor?) talvez por ser de uma esfera social superior à sua, talvez por ser bonito ter-se alguém à nossa espera quando saímos do «atelier».

E' certo que era a única aprendiz a quem tal sucedia, mas, por isso mesmo, encontrava-se (supunha encontrar-se) fora do seu ambiente e penetrava no das costureiras feitas; deixava de se interessar pelo filme de domingo para se entusiasmar com as desconcertadas opiniões sobre o namôro do Jaime e da Salomé, e sentir as peripécias dos bailes da «Associação».

O seu romance já conhecido das outras colegas, um tanto pelo acaso como alarde que fazia dêle, era a inveja das mais gaiatas que não atinavam como «um me-

nino do liceu» possa enamorar-se de uma costureirinha, dando aos pormenores mais simples um amargor mal-doso.

Mas as outras, as mulherzinhas, viam o acontecimento sob um aspecto de tal modo condescendente e divertido, que ela, irritada, chegara a criar ódio ao pobre rapaz e a desprezar as colegas.

E agora descobria nêle um outro Gustavo, diferente do que idealizara.

Não a divertiam aqueles passeios à saída, êle afastado dela (ao contrário do que fazem os namorados) e dizendo coisas que não eram galanteios.

# ALVOROCER

A êle, era-lhe doloroso pronunciar uma só palavra de amor, de tal modo temia o ridículo, e se não se chegava mais a ela, dando-lhe o braço, era porque receava que os olhassem como «dois garotos com pretensões». Era, pois, o seu pavor do ridículo, que o tornava mais ridículo ainda.

Entraram numa rua escura quasi deserta e cheia de umidade que, vinda de algures, atravessava o tapume de madeira que constituia um dos lados, e ia infiltrar-se nas paredes sujas das casinhas humildes da outra margem da viela.



Detiveram-se, como de costume, junto do tapume ao abrigo de um candieiro abandonado.

Falaram das coisas de sempre e de súbito caiu sobre êles um pesado silêncio.

Num momento, olhou-a de seguida, como fazia sempre, mas desta vez fê-lo bem de frente, olhos com olhos.

Nunca ela conseguira ver tão bem as sardas da cara onde a barba não dera ainda os primeiros sinais do despontar, e fixou-lhe de relance o cabelo negro e cor-redio.

Devido a um movimento brusco saltou-lhe um dos ganchos que segurava as tranças e ambos se curvaram

para o apanhar; os seus ombros tocaram-se e penetrou-lhe nas narinas um cheiro são que se desprendia dela.

Depois dêste minúsculo incidente reinou sobre êles um indistritível mal-estar.

Assaltara-o, de um momento, para o outro, um nervoso estúpido que o irritava.

Ela também dava sinais de perturbada.

Cada qual conhecia a sua situação e a do outro, ha-

Conto de

José Cardoso Pires

via entre êles uma compreensão mútua dos sentimentos recíprocos, e daí esta falta de à-vontade inquietadora.

— Luizinha...

Aquela voz não era a do Gustavo que ela conhecia e que a observava pela primeira vez como senhor da situação, era doutro, daquele que a obrigava a estar para ali, cabisbaixa, num recolhimento motivado por um receio inexplicável, e que segredava «Luizinha», aos trambulhões, ansioso.

Olhava-a quasi provocador. «Tem o nariz arrebitado», pensou, e, a êste pensamento vago, os olhos despiram-lhe as formas mal definidas do corpo ainda criança, enquanto ela, sabendo-se observada, fazia esforços desmedidos para aparentar ignorância de tal facto, ao mesmo tempo que persistia em dar à ocasião uma naturalidade forçada que se tornava, de momento para momento, mais falsa. Estava a um palmo dêle, as fontes a latejarem, violentamente, olhando, sem ver, as pedras desiguais da calçada.

Ali tinha um novo Gustavo, um desconhecido com os lábios a tremer, febril e impaciente, tendo na voz algo de inesperado e de inquieto.

— Luizinha...

Êle bem o sabia: agora ou nunca! E tomara isto como um dever.

A resposta veio dos sentidos excitados. Tinha que ser já; agora que nas veias corriam torvelinhos de fogo, agora que o corpo se debatia em espasmos de cio e o sangue gemia surdamente:

— Luizinha...

Ela levantou as faces numa atitude de resignada. Nos olhos castanhos havia alguma coisa de suplicante.

E caíram nos braços um do outro...